

Morar no morro em Colatina é privilégio de rico

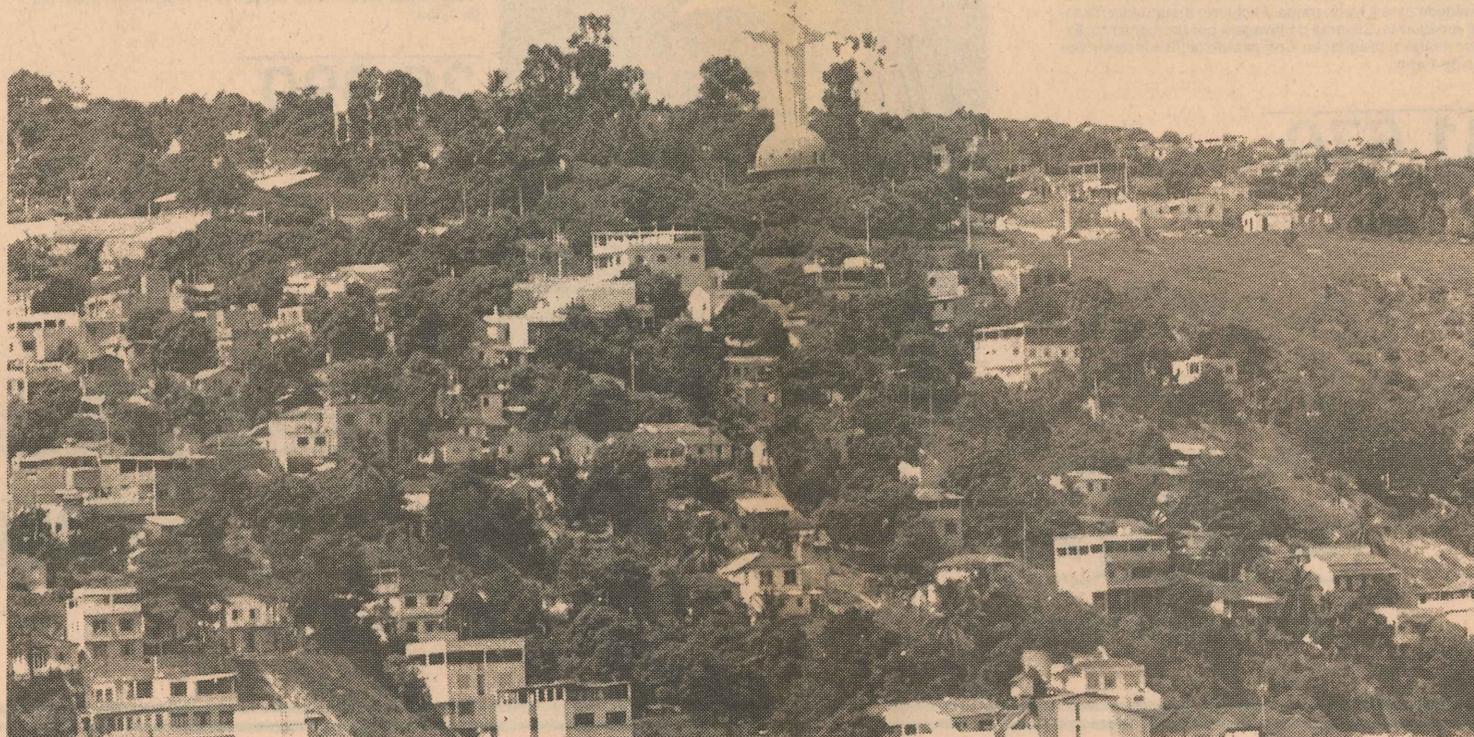
A20 86 51

Foto de Gildo Loyola

Foto de Ivan Batista

Ivan Batista

Morar em morros nos centros urbanos sempre foi sinônimo de pobreza, de áreas com favelas. Só que não é isso que ocorre em Colatina, uma das mais prósperas cidades da região Norte capixaba. Devido à situação topográfica, a maior parte da população está hoje vivendo nos morros e ninguém reclama. Pelo contrário, trata-se de privilégio morar nas áreas altas, em função do clima e de estar longe das enchentes do rio Doce, que há alguns anos constituíram um pesadelo para milhares de pessoas. Até mesmo o bispo Dom Geraldo, que assumiu a IV Diocese de Colatina, domingo passado, está morando no morro, ou melhor, o bairro Moacir Brotas, que se tornou área nobre da cidade com inúmeras mansões. Em áreas com muita declividade, os terrenos estão cada vez mais valorizados.



Para fugir da poluição, do barulho e das enchentes do rio Doce, o colatinense de maior poder aquisitivo foi morar nos morros

A residência do bispo fica no morro

“A topografia é que gerou essa situação”, afirma o prefeito Dilo Binda. Ele vem realizando um trabalho que consiste em dotar os morros de Colatina de toda infraestrutura, a começar pela construção de colunas dorsais para evitar desmoronamentos. Foram criadas potentes galerias com rede de esgoto em vários bairros, e o prefeito reconhece que morar nos morros se tornou privilégio. Ele até prevê que dentro de pouco tempo vão existir cidades alta e baixa.

Até o início da década de 80, muita gente pensava duas vezes antes de ir morar nas áreas mais altas da cidade. Moradores mais antigos dizem que, naquela época, existia certo preconceito contra os morros. Quem tinha teto nos morros era até chamado de “cabrito”, mas os tempos mudaram e o colatinense está trocando o centro da cidade pelas áreas altas, onde o clima é de montanha.

Adélio Rodrigues, dono de um pequeno comércio na avenida Roseiras — a principal do bairro Moacir Brotas —, conta que está há oito anos no morro e não pretende sair tão cedo. “Aqui é o começo da eternidade”, brinca. Ele disse que os terrenos nunca se valorizaram tanto no bairro, lembrando que as pessoas estão descobrindo a vantagem de morar nos morros.

Em primeiro lugar, sem dúvida, está a questão climática. Colatina é uma cidade com alta temperatura quase o ano inteiro. Quem mora na parte baixa da cidade, está

sempre reclamando, ao contrário dos que optaram por subir o morro em busca de moradia. Lá, a brisa sopra praticamente todos os dias e não existem poluição e o temor das cheias do rio Doce.

“Não tenho do que reclamar. Aliás, ninguém pode reclamar aqui”, revela Adélio Rodrigues, apontando para as inúmeras casas luxuosas construídas no bairro Moa-

Prefeitura investe na proteção

O prefeito assegura que determinou ao Departamento de engenharia a construção de colunas dorsais em vários pontos da cidade. O objetivo é dar mais segurança aos moradores em casos de chuvas torrenciais. Outra iniciativa da Prefeitura foi indenizar moradores que haviam construído barracos em áreas impróprias para habitação.

“Colatina vai continuar expandindo-se e o que devemos fazer é dotar os morros de infraestrutura. É bom lembrar que ainda há muitas áreas ociosas”, salienta Dilo Binda. Ele determinou a criação do Plano Diretor Urbano para disciplinar as construções, principalmente nas áreas com muita declividade. É que tempos atrás surgiram moradias totalmente irregulares.

A verdade é que a população está cada vez mais sendo “empurrada para o morro”, em função da topografia. Quem percorre a periferia pode constatar a movimentação de construções. São poucos os barracos nas

áreas altas, o que desmistifica o cenário de favelas em Colatina. Os morros são ocupados hoje, em sua maioria, por pessoas de razoável poder aquisitivo.

Alguns moradores contam que o preconceito com os morros de Colatina desapareceu de vez durante as enchentes de 79, que desabrigaram milhares de pessoas. Como a parte baixa da cidade ficou completamente alagada, o comércio foi transferido para o morro e a elite passou a conviver com a pobreza, por força das circunstâncias. Contam que as madames pegaram os sapatos e subiram o morro com ar de envergonhadas. Daí, os tempos mudaram.

O jornalista Luiz Carlos Maduro, historiador do município, conta que as inundações provocadas pelo rio Doce foram responsáveis pelo fim do preconceito contra a população dos morros. Maduro, que ajudou na extinção da favela da Lama, garante que

cir Brotas. Médicos, empresários e outros profissionais liberais trocaram a cidade baixa pelo clima de montanha. O bairro está todo pavimentado e chega-se de carro ao centro da cidade em menos de 10 minutos.

Na enchente de 79, Joaquim Rodrigues estava perto do rio Doce e viveu momentos de angústia. Depois de refletir bastante, ele decidiu subir o morro em busca de mora-

hoje morar no morro é privilégio e há um respeito à população da área baixa.

Quem morava no morro, há alguns anos, tinha pecha de não ser gente boa”, ironiza o jornalista, enfatizando que, atualmente, o quadro é outro. Empresários, médicos e outros profissionais liberais recorreram ao clima ameno das regiões altas. Na opinião de Maduro, não existem favelas nos morros de Colatina, pelo contrário, a qualidade de vida é melhor.

Até mesmo o bispo dom Geraldo está morando no morro, numa casa que está em fase de acabamento na parte exterior. Fica situada numa rua arborizada, no bairro Moacir Brotas, longe do barulho e da poluição. De lá, é possível visualizar um quadro exuberante da parte baixa de Colatina. Sem dúvida, um local de inspiração e reflexão.

“Aqui, é o melhor lugar do mundo. A gente tem sossego, respira ar puro e até parece que a vida fica mais longa”. Sua afirmação é compartilhada com o morador Adair Vieira Ramos, que está também há oito anos no morro. “Eu não tenho intenção de sair daqui. Lá embaixo é um tormento para se viver”.

Até mesmo o morro do Cristo — deno-

minação por causa da estátua do Cristo Redentor — está se tornando uma área privilegiada para se morar. Antes, era um bairro com muitas deficiências e facilitava a ação dos marginais. Hoje, a situação é outra e as construções de luxo estão por toda a parte. Os terrenos, que antes praticamente não tinham valor, estão agora em alta cotação.

No bairro Moacir Brotas, por exemplo, um lote em determinados pontos pode custar até Cr\$ 500 mil. O bairro foi construído com recursos do extinto BNH, o mesmo acontecendo com o bairro Planalto, também no morro. Existe ainda o bairro Vista da Serra, construído pela Cohab, e tudo indica que nos próximos anos os morros de Colatina vão abrigar mais gente. A topografia criou essa situação.

Os moradores do Moacir Brotas não têm dúvidas de que será criado um grande centro comercial no bairro, dentro de pouco tempo. “Juntando os outros bairros dos morros a população se torna muito grande. Isso aqui vai ser a cidade alta de Colatina”, comenta empolgada uma moradora. Já se fala na aquisição de uma área por um grupo de empresários para a construção de um shopping center.